

Por uma literatura não confinada: a rede virtual como aliada da criação literária

For an unconfined literature: the virtual network as an ally of literary creation

Felipe de Souza Monteiro¹

RESUMO: Neste artigo traremos um panorama de como importantes teóricos de nosso tempo — como Franco Berardi e Jonathan Crary — enxergam o corpo na contemporaneidade, destacando a grande influência de aparatos técnicos existentes neste contexto. Mostraremos ainda como o quadro tecido pelos autores se exacerbou durante o período de isolamento social engendrado pela pandemia de COVID-19. Diante disso, mostraremos como os autores e ensaístas Agustín Fernández Mallo e Kenneth Goldsmith veem a internet como aliada da criação literária.

ABSTRACT: In this article we will bring an overview of important exercises such as Franco Berardi and Jonathan Crary — they see the body in contemporary times, highlighting the great influence of existing technical devices in this context. We also show how the fabric was exacerbated during the period of social isolation engendered by the COVID-19 pandemic. From this, we will show how the authors Diante and essayists Agustín Fernández Mallo and Kenne Goldsmith see the internet as allies to literary creation.

PALAVRAS-CHAVE: Agustín Fernández Mallo; Corpo; Covid-19; Literatura Contemporânea; Tecnologia.

KEYWORDS: Agustín Fernández Mallo; Body; Covid-19; Contemporary Literature; Technology..

¹Bacharelado em Ciências Sociais. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (PPGECLLP/USP).

1. O corpo na contemporaneidade

1.1. O infoestímulo e a diminuição do sensório

O diagnóstico que Franco Berardi, em *Depois do Futuro* (2019), faz da sociedade contemporânea é bastante desnorteador — ou mesmo pessimista —, sobretudo se comparado com os prognósticos das vanguardas do início do século XX, quando os chamados futuristas viam a noção de futuro indissociável da ideia de progresso, da solução de todos os males que se apresentavam naquele princípio de século. O autor mostrará que se o futuro nos deu poderes inimagináveis, criando condições para termos o mundo à mão (sob o toque da técnica) e de estabelecermos, por meio da rede infinita tecida pela informática, conexões instantâneas com tudo e com todos, não o fez sem reduzir nossa competência sensorial, haja vista a aceleração infinita do infoestímulo a que somos submetidos nesse processo, criando um atrelamento de nossas ações e percepções à operacionalidade estrita da máquina.

De modo consonante com Berardi, Jonathan Crary nos dirá que, na contemporaneidade, “atividades da vida real que não têm seu correlato on-line se atrofiam ou perdem sua relevância”, de modo que “sempre haverá on-line algo mais informativo, surpreendente, engraçado, divertido, impressionante do que qualquer outra coisa nas circunstâncias reais imediatas” (CRARY, 2016, p.36).

Os superpoderes deste século, nos mostra Berardi, se reduzem aos nossos simulacros, aos nossos avatares nas redes sociais ou em aplicativos de compra. São eles que tudo podem (ou assim pensamos), dado que o ser humano por trás dessa máscara infomaniaca sequer tem controle sobre seu próprio corpo. Tal qual um *hikikomori* (assim chamado um número cada vez maior de jovens japoneses que chega a passar meses sem sair de casa e sem estabelecer contato com outros seres humanos), sequer fazemos uso de boa parte de nossa musculatura, seja porque nos habituamos com a falaciosa ideia de que a impessoalidade da rede resolverá

tudo para nós, seja porque já fomos acometidos pela epidemia do pânico, pela desordem emocional diante de um contato corpo a corpo com outra pessoa.

A tendência de declínio do experimento do gozo é a lei fundamental da economia do semiocapitalismo (ou *capitalismo semiótico*, baseado sobretudo em transações virtuais), nos lembra Berardi, ao trazer dados de uma pesquisa feita em diversos países, em que 56% dos entrevistados afirmam não sentir qualquer prazer com relação a sua sexualidade, número que chega a 85% em países como o Japão, onde a lógica da competitividade é ainda mais evidente. Para Berardi, essa lógica informacional se inscreve nos corpos e os molda para serem servis a esses imperativos econômicos.

O que o capitalismo escreveu no corpo e na mente humana tornou-se parte do conjunto genético. O capitalismo não é biodegradável. O princípio de prestação, o modelo competitivo e a lei do valor passaram a fazer parte do patrimônio genético humano anulando sua humanidade (BERARDI, 2019, p.70).

A primeira geração videoeletrônica, ainda em formação, aponta Berardi, abomina contatos reais, uma vez que foi invadida, até os meandros mais escondidos da mente, pelo vírus de uma esterilidade *clean*, que rejeita pelos, cheiros e rugosidades. O autor nos diz que “a troca simbólica entre seres humanos é feita sem empatia, porque não é mais possível perceber o corpo do outro” (BERARDI, 2019, p.129), o que caracteriza a passagem de uma mente conjuntiva, aquela que pressupõe contato entre os corpos, para uma mente conectiva, mergulhada no mundo asséptico das perfeições pixelizadas.

O contato carnal se enche de perigo e de eletricidade, se enrijece, congela ou superaquece de maneira patológica. Assim, prepara-se, nas duas últimas décadas do século XX, a mutação cognitiva. O organismo é sensibilizado ao código e, assim, predisposto à conexão, à interface permanente com o universo digital (BERARDI, 2019, p.70).

A relação desta geração com o tempo também se debilita, já que este passa a se apresentar como “um mosaico de fragmentos celularizados” (*Ibidem*, p.85). Neste contexto, “o capital não precisa mais usufruir de todo o tempo de vida de um operário, precisa de fragmentos isolados de seu tempo, instantes de atenção e operatividade” (*Ibidem*, p.108). Assim, a ideia de um tempo delimitado, reservado ao capital, se dissolve e passamos a ficar sempre à disposição dele, de forma fractalizada. Nossos corpos ficam em alerta constante para responder a estímulos eletrônicos, lógica que estabelece a base para a fragilização do trabalho e para o surgimento de profissionais precários, sem garantias, juridicamente livres, mas cujo tempo é escravo do ciberespaço produtivo. São profissionais, portanto, que se colocam à espera ininterrupta do chamado eletrônico para entrarem em ação, algo que podemos vislumbrar facilmente entre os motoristas e entregadores de comida por aplicativo, profissionais emblemáticos do nosso tempo.

Células de tempo produtivo podem ser mobilizadas de forma pontual, casual, fragmentária, e a recombinação desses fragmentos é automaticamente realizada pela rede. O telefone celular é o instrumento que possibilita o encontro entre as exigências do semiocapital e a mobilização do trabalho vivo ciberespacializado. O toque do celular chama o trabalhador a reconectar o seu tempo abstrato ao fluxo reticular (*Ibidem*).

Assim, Berardi nos faz reconhecer numa geração precária e conectada, numa geração que tem entre seus desafios agir em relação à solidão, ao medo do futuro e ao suicídio. Temos, portanto, acesso a tudo, mas parecemos cada vez mais incapazes de acessarmos a nós mesmos, envolvidos que estamos em um número crescente de tarefas mentais.

1.2. O capitalismo e a exploração dos meandros do corpo

Em *24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono*, Crary também irá tratar da subordinação dos corpos aos imperativos produtivos na atual fase do capitalismo, que exige que as pessoas fiquem o tempo todo à disposição para realizar pequenas tarefas que ajudam a mover todo o sistema. O autor destaca que o tempo dedicado ao sono, o qual vai paulatinamente diminuindo, é a última fronteira a ser permeada ou apropriada pelo capitalismo.

A busca por ultrapassar esta fronteira, aponta Crary, já está em pleno desenvolvimento, com um número crescente de pessoas “que acordam uma ou mais vezes durante a noite para checar mensagens ou informações” (CRARY, 2016, p.13) e que, assim, não conseguem se desconectar de todo de um estado de vigília, com um tempo de sono também celularizado, fragmentado, permanecendo em constante *sleep mode*, inspirado no mundo das máquinas. Assim, voltando a Berardi “Enquanto a lógica do bios é importada para as máquinas, a lógica da tekne é importada para a vida humana e para os mesmos comportamentos inteligentes da vida social” (BERARDI, 2019, p.102).

Vivemos assim um contexto em que os corpos nunca repousam verdadeiramente, um paradigma neoliberal globalista em que dormir é sinal de fraqueza, de inadequação às demandas do capital. Para esta disponibilidade de 24 horas por dia, nos 7 dias da semana (24/7), as distinções entre dia e noite estão sendo paulatinamente minadas, aponta Crary, com uma luminosidade constante invadindo as horas que supostamente deveriam ser dedicadas ao sono.

O planeta é repensado como um local de trabalho ininterrupto ou um shopping center de escolhas, tarefas, seleções e digressões infinitas, aberto o tempo todo. A insônia é o estado no qual a produção, o consumo e o descarte ocorrem sem pausa, apressando a exaustão da vida e o esgotamento dos recursos (CRARY, 2016, p.15).

Tal como Berardi, Crary também diz que não se trata de fazer atividades produtivas na totalidade do tempo, mas sim de estar à disposição, em estado de alerta, 24 horas por dia, nos 7 dias da semana. Nesta lógica, em todas as situações

e lugares da vida social e pessoal, nossos corpos podem ser acessados para comprar, consumir, explorar recursos em rede e responder, em suma, a qualquer tipo de infoestímulo. E tamanha submissão a imperativos exteriores, aponta Crary, faz com que nossas capacidades mentais e perceptivas diminuam ao invés de se expandirem, nosso corpo passa a ser cada vez mais acoplado à máquina, de modo a ser compatível com uma lógica de intensa produtividade, o que nos leva novamente ao impulsionamento de uma indústria farmacológica, de que nos fala Berardi, a quem interessa bastante a patologização de cada vez mais estados emocionais. Sobre isso, diz Crary:

Nas últimas duas décadas, um leque cada vez maior de estados emocionais tem sido crescentemente patologizado com o objetivo de criar novos e amplos mercados para produtos até então desnecessários. As tessituras oscilantes dos afetos e emoções humanas, que são apenas sugeridas imprecisamente pelas noções de timidez, ansiedade, desejo sexual instável, distração ou tristeza, foram indevidamente convertidas em distúrbios e colocadas na mira de remédios enormemente lucrativos (CRARY, 2016, p.34).

Nossos corpos são assim explorados por uma lógica pautada pela eficácia 24/7, de modo a que renda cada vez mais, de que se extraia dele cada vez mais lucro. Há um crescente número de equipamentos com telas capazes de rastrear, por exemplo, o movimento de nossas retinas, fruto de um sofisticado campo de ergonomia óptica, buscando identificar onde fixamos mais ou menos a visão, como o olho percorre a tela, tudo para otimizar, por exemplo, a disposição de produtos num site de compras.

Assim, até aqui vimos como dois importantes autores da contemporaneidade percebem as mudanças infligidas ao corpo, marcado por uma perda contínua de sensorialidade, associada a uma lógica econômica pautada pela impessoalidade computacional e pela exploração contínua dos menores meandros (como o sono) ainda não apropriados pelo capital. A seguir, analisaremos como este quadro se intensificou no contexto brasileiro, durante o período de

confinamento social que se fez necessário diante da pandemia de COVID-19 a partir de março de 2020.

1.3. Corpos em confinamento

Em 11 de março de 2020, a OMS (Organização Mundial de Saúde) passa a caracterizar o surto viral causado pelo novo coronavírus como uma pandemia. Em muitos países, a exemplo do Brasil, medidas de confinamento social passaram a ser adotadas como via de conter a proliferação do vírus. Com algumas idas e vindas, a depender do comportamento instável e imprevisível da doença, este confinamento se estendeu até meados de 2021 e, em alguns setores, permaneceu até o início de 2022, quando a maioria das cidades flexibilizou as medidas sanitárias.

Nesse período, uma grande quantidade de empresas manteve seus funcionários em trabalho remoto, valendo-se de ferramentas como o *Zoom* e o *Google Meet*, que passaram a ser aprimoradas e largamente utilizadas para a realização de reuniões e conferências. E isso se aplicou também ao campo educacional e acadêmico, com escolas e universidades precisando se adaptar rapidamente para realizarem suas atividades de forma remota, valendo-se de uma série de recursos tecnológicos, muitos dos quais boa parte dos usuários sequer sabia que existia.

Até mesmo atividades artísticas, cuja realização não presencial era impensada para muitos, tiveram que se adaptar à nova condição. Artistas passaram a montar palcos improvisados em suas próprias residências e realizar as chamadas lives, shows transmitidos ao vivo por plataformas digitais, muitos dos quais foram até mesmo patrocinados por grandes empresas, recebendo milhões de espectadores. O mesmo se deu no campo dramatúrgico, com peças sendo realizadas em pequenos palcos improvisados e sendo transmitidas on-line. No campo literário, lançamentos de livros, saraus, clubes de leitura e oficinas de

criação literária se proliferaram, tendo como uma grande vantagem nesse processo a possibilidade de se atingir um público que compreendia pessoas de estados afastados e mesmo de fora do país.

De acordo com pesquisa realizada pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), este quadro de confinamento fez aumentar o número de domicílios com algum tipo de acesso à internet no Brasil, passando de 71%, em 2019, para 83%, em 2021 (CETIC, 2022)².

Em outro estudo, realizado 5 meses após o início das medidas de confinamento social no Brasil, por universidades federais do estado de Minas Gerais³, constatou-se que a interação dos brasileiros com dispositivos que possuem telas aumentou mais de 60% durante o período de confinamento estudado, indo de 6 horas e meia antes da pandemia, para 10 horas e meia diárias depois das medidas de confinamento (SOUZA *et al*, 2021).

Tal conjuntura parece apontar que o confinamento social tornou ainda mais evidente e exacerbado o quadro delineado por Franco Berardi e Jonathan Crary. Mas ainda que o uso desmesurado de telas possa ser problemático sob uma série de aspectos, como os apontados pelos autores, o que buscaremos apontar a seguir é como essa rede profusa tecida por mecanismos informacionais pode servir de aliada à criação literária. Para tanto, nos valeremos de ensaios de dois escritores e críticos contemporâneos: Agustín Fernandez Mallo e Kenneth Goldsmith, que defendem o uso desse emaranhado aparentemente estéril criado pela *web* em criações literárias.

² Ainda que não seja o foco deste trabalho, é preciso destacar que esse acesso ainda é bastante desigual no Brasil. A pesquisa mostra que o computador está presente em 100% dos domicílios da classe A, mas em apenas 13% das classes D e E. A conexão por fibra óptica, ainda segundo a pesquisa do CETIC (2022), está presente em 83% dos domicílios da classe A, mas em apenas 38% nas classes D e E. O acesso à internet feito exclusivamente pelo aparelho celular é de 11% nos domicílios de classe A, chegando a 90% nas famílias das classes D e E.

³ Trata-se de estudo coletivo realizado entre pesquisadores da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UFLA (Universidade Federal de Lavras), UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e UFV (Universidade Federal de Viçosa).

2. Por uma literatura não confinada

Corroborando à visão de Jonathan Crary e Franco Berardi, Mallo verá a sociedade contemporânea como aquela marcada pela saturação de informações, dados, fatos e objetos, numa fragmentação de discursos de toda ordem, o que se dá de maneira única em toda a história, tendo na rede tecida pela internet o espaço por excelência da profusão e da fragmentação de informações, em meio aos seus hiperlinks infinitos.

Em sintonia com este pensamento, o autor e crítico estadunidense Kenneth Goldsmith, em seu ensaio *Uncreative Writing: Managing Language in the Digital Age* (2011)⁴, utilizará a ideia de “ecossistema digital” para se referir a esse ambiente de informações disponível na internet, chamando a atenção para a necessidade de reciclagem, ainda valendo-se de metáforas do campo da Ecologia, diante da profusão de textos, imagens e informações a que somos submetidos a todo momento. Goldsmith defende a ideia de não se “criar mais”, mas se “criar diferente”, valendo-se de materiais a serem coletados na internet, numa espécie de grande arquivo a ser utilizado em novas obras, por autores que orquestrariam esse acervo já existente de materiais de toda ordem colhidos na *web*.

Tal procedimento está alinhado à reflexão de Nicolas Baurrioud, que em *Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo* dirá que, na arte do tempo presente “não se trata mais de fabricar um objeto, mas de escolher entre os objetos existentes e utilizar ou modificar o item escolhido segundo uma intenção específica.” (BAURRIOUD, 2009, p.22).

Esse diálogo com a linguagem fragmentada das telas também é bastante utilizada por Agustín Fernández Mallo. Em sua trilogia *Proyecto Nocilla (Nocilla Dream — 2006, Nocilla Experience — 2008, e Nocilla Lab — 2009)*, Mallo tece uma narrativa formada por um mosaico de prismas narracionais e personagens os mais

⁴ Ainda sem tradução para o português. Em tradução livre: “Escrita não-criativa: gerenciando a linguagem na era digital”.

diversificados, localizados em várias partes do mundo, os quais se interligam de modo muito utilizado, exigindo do leitor que participe ativamente deste processo de emaranhamento, para buscar o ponto de contato entre os pequenos capítulos-fragmentos.

Em diálogo visceral com os modos de narrar e de se comunicar do tempo presente, em que as informações nos aparecem fracionadas, justapostas, incompletas, Mallo se valerá de trechos de entrevistas, notícias, descrições de fatos históricos, verbetes da *Wikipédia*, descrições de trechos de filmes, tratados científicos, tudo enredado com trechos narrativos, nos quais personagens que parecem primar pela errância, pela falta de caminhos previamente traçados, aparecem deslocando-se em regiões de fronteira, numa espécie de metáfora do que Mallo pensa sobre o próprio sentido de literatura, ele que afirma que a criatividade “consiste em aproveitar intuitivamente os erros e teu benefício, utilizar o que está nas margens, o ruído, o resíduo” (conforme pode ser lido na p.29 de seu livro *Blog Up*, conjunto de pequenos ensaios publicados em seu *blog*).

Assim, se as informações contidas na internet são marcadas pela efemeridade, passíveis de serem descartadas mal foram lançadas no mar de signos, em ensaios como *Postpoesia* (2009) e *Teoria General de la Basura* (2018), Mallo defende justamente que esse material — o qual ele chama de “lixo informativo” — sejam manejados pelos escritores, articulados com outros materiais também considerados residuais, a favor de uma criação literária que prima pela inventividade. Nas palavras de Mallo, nessa perspectiva literária “o spam, o ruído do sistema, é incorporado como agente ativo, como agente provocador” (MALLO, 2018, p.271, tradução minha).

Seja na perspectiva de Goldsmith, seja na de Mallo, a figura romântica do autor, como um gênio criador diante da folha em branco perde muito de seu sentido, na medida em que ele jamais partirá do zero absoluto, mas de uma vasta gama de materiais fornecidos pela internet. Como disse Barthes, no célebre ensaio *A morte do autor*:

um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original; o texto é um tecido de citações dos mil focos de cultura” (BARTHES, 1967, p.62).

Nesse sentido, Mallo colocará o autor como uma espécie de cientista, manipulador do arquivo do mundo, para religar e perverter suas peças, criando por experimentação e não por “iluminação”, tendo assim que desenvolver o que ele chama de “inteligência experimental” (MALLO, 2009). Mallo, portanto, defenderá uma literatura apropriaçãoista por definição, que tem na internet um local privilegiado, por trata-se de um mundo ao alcance das mãos, em busca de uma literatura não confinada numa tradição estritamente literária, mas que bebe de diversas fontes de saberes.

3. Considerações finais

Assim, vimos que é inegável que a presença maciça de aparatos tecnológicos, nas mais diferentes tarefas, se relaciona com uma série de problemáticas do nosso tempo, passando pelo aumento nos casos de adoecimento psíquico e pela fragilização nas relações de trabalho. Esta conexão estreita entre as pessoas e a tecnologia foi, sem dúvida, exacerbada em decorrência do confinamento social motivado pela emergência da pandemia de COVID-19, com atividades antes só realizadas por meio presencial passando a ser realizadas por meio de dispositivos *online*, com a mediação de telas dos mais variados tipos.

Se os pontos negativos desse excesso de informações tecnificadas são bastante claros, não podemos deixar de mencionar que eles podem ser também impulsionadores de criações no campo artístico, de modo geral, e literário, de modo específico. Para além de conseguir se atingir um público diversificado por meio de plataformas on-line, procedimento que se ampliou durante o



confinamento social, autores como Agustín Fernández Mallo e Kenneth Goldsmith defendem que o amplo acesso ao mundo proporcionado pela internet em muito pode contribuir para uma criação literária alicerçada na inventividade e em sintonia com o tempo presente.

Referências bibliográficas

AIRA, César. *Pequeno manual de procedimentos*. Tradução de Eduardo Marquardt e Marcos Maschio Chaga. Curitiba: Arte e Letra, 2007.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In:_. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERARDI, Franco. *Depois do Futuro*. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. Trad. Denisse Bottman. São Paulo: Martins, 2009.

CETIC – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. *Painel TIC COVID-19 — Pesquisa online com usuários de internet no Brasil*. Abr. 2022. Disponível em: [painel_tic_covid19_4edicao_livro_eletronico.pdf](https://cetic.br/painel_tic_covid19_4edicao_livro_eletronico.pdf) (cetic.br). Acesso em: 27 abr. 2022.

CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono*. Trad. Joaquim Toledo Junior. São Paulo: Ubu, 2016.

GOLDSMITH, Kenneth. *Uncreative Writing: managing Language in the Digital Age*. New York: Columbia University Press, 2011.

MALLO, Agustín Fernández. *Postpoesia: hacia un nuevo paradigma*. Barcelona: Anagrama, 2009.

_____. *Blog Up: Ensayos sobre cultura y sociedad*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2012.

_____. *Nocilla Experience*. Trad. Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.

_____. *Teoría General de la Basura (cultura, apropiación, complejidad)*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2018.

SOUZA, Tamires. Lifestyle and eating habits before and during COVID-19 quarantine in Brazil. *Public Health Nutrition*. Cambridge, v. 25, n. 1, p.65-75. Jun. 2021. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-cor>



e/content/view/3F207E99252D3091D57744BCE691819A/S136898002100255Xa.pdf/
lifestyle-and-eating-habits-before-and-during-covid-19-quarantine-in-brazil.pdf>.
Acesso em: 27 abr. 2022.

Recebido em 30/05/2022

Aceito em 14/06/2022